

GÊNERO E RESISTÊNCIA EM TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JR: UMA REFLEXÃO SOBRE A DECOLONIALIDADE

Gender and resistance in Itamar Vieira Jr.'s "Torto Arado": a reflection on decoloniality.

Mônica Cardoso Silva

Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal do Piauí.

E-mail: monicaisame@gmail.com

ORCID iD: [0000-0001-9838-1363](https://orcid.org/0000-0001-9838-1363)

RESUMO: O romance *Torto Arado* de Itamar Vieira Jr nos permite, dentre outras, uma discussão sobre os conceitos de colonialidade e decolonialidade refletindo sobre como a realidade está longe de ser a adequada, sobretudo para as mulheres. Dessa forma, o presente trabalho visa discutir esses conceitos abordando a posição decolonial, partir do recorte da configuração das figuras femininas, compreendendo de que forma as personagens: Bibiana, Belonísia e Donana, rompem com o estereótipo estabelecido para se transfigurarem em instrumentos de luta e subversão, revelando formas distintas de resistência. Como aporte teórico nos apoiaremos nos textos de Mignolo (2017), Kilomba(2019), Spivak (2012), Zinani (2006), dentre outros que nortearão esta pesquisa. Com base nas análises realizadas, percebe-se que a leitura da obra, possibilita uma provocação ao leitor, mantendo relação com a realidade social e traz luz à voz de mulheres resistentes, protetoras e provedoras que atravessaram tudo, suportando a crueldade que lhes foi imposta.

Palavras-chave: Decolonialidade; Resistência feminina; *Torto Arado*.

ABSTRACT: The novel *Torto Arado* by Itamar Vieira Jr. allows us, among other things, to discuss the concepts of coloniality and decoloniality, reflecting on how reality is far from being adequate, especially for women. Thus, this work aims to discuss these concepts by addressing the decolonial position, starting from the outline of the configuration of female figures, understanding how the characters: Bibiana, Belonísia and Donana, break with the established stereotype to transform themselves into instruments of struggle and subversion, revealing different forms of resistance. As a theoretical contribution, we will rely on the texts of Mignolo (2017), Kilomba (2019), Spivak (2012), Zinani (2006), among others that will guide this research. Based on the analyses carried out, it is clear that reading the work allows a provocation to the reader, maintaining a relationship with social reality and shedding light on the voice of resistant, protective and provider women who went through everything, enduring the cruelty that was imposed on them.

Keywords: Decoloniality; Female resistance; *Torto Arado*.

1 COLONIALIDADE X DECOLONIALIDADE

Os povos colonizadores, ao se estabelecerem nas colônias, trouxeram um modelo de colonização marcado pela dominação e exploração, sendo estas exercidas sob o território, à cultura e à religião dos povos colonizados. Ao se estabelecerem nas colônias, os colonizadores controlavam os saberes e os fazeres dos colonizados, impondo a eles costumes e práticas advindos de seu continente de origem e, conseqüentemente, fomentavam a desvalorização da cultura local.

O colonialismo foi fundamental para o projeto cultural de expansão capitalista que teve sua origem no ocidente, especificamente, no continente europeu. Todo esse arcabouço também marcou o início da Modernidade, um processo histórico orientado por diversas perspectivas dominantes.

O fim dos empreendimentos coloniais não compreendeu o fim da dominação colonial. A colonialidade passou a ser uma espécie de continuação das dominações, mesmo após superado o pacto colônia, que pode ser definida como uma estrutura de dominação ou padrão de poder a qual permanece enraizada em nossa sociedade, mesmo após o fim das relações coloniais.

A colonialidade se reproduz em uma tripla dimensão: a do poder, a do saber e a do ser e, para Mignolo (2017), é o lado obscuro e necessário da modernidade; é a sua parte indissociavelmente constitutiva.

O decolonial, num primeiro momento, concentra-se em desnudar e denunciar a dependência dos países ditos em desenvolvimento perante a hegemonia dos países europeus e dos Estados Unidos em três setores: do poder, do ser e do saber.

Concomitantemente, os intelectuais e ativistas envolvidos com essa nova forma de encarar o mundo e as relações de poder nele contidas, buscam por ações e maneiras de pensar que sejam inerentes às suas próprias culturas e que as ressaltem perante uma ordem que ao globalizar, acaba por silenciar àqueles que são vistos como pertencentes a uma cultura – seja ela ideológica, econômica ou epistêmica – inferior.

O pensamento decolonial emergiu, de acordo com Mignolo (2017), como um movimento de contraposição inerente à fundação da própria modernidade cujas ideias convergem com as de colonialidade: esta com o apagamento do diferente, do alternativo, e a naturalização de uma visão eurocêntrica e ocidental como verdade absoluta; e aquela como dependente também da colonialidade do poder para manter-se vigente.

Nesse sentido, os estudos decoloniais, para Almeida e Silva (2015), são “um movimento de resistência – teórico, epistêmico, cultural, prático e político –, à lógica da Modernidade/Colonialidade”. O pensamento decolonial se coloca como uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos subalternizados e oprimidos que durante muito tempo foram silenciados invertendo os polos da lógica da colonialidade, além de discutir e denunciar o significado e a sobrevivência da colonização sob outros modos, também assume o desafio de atribuir ao colonizado a condição de agente e de questionador, da experiência histórica da colonização.

A decolonialidade, por conseguinte, não somente posiciona o colonizado na condição de sujeito cognoscente (em flagrante ruptura à tradição europeia que sempre lhe outorgou a condição de objeto), quanto questiona os

pressupostos ontológicos e epistemológicos que historicamente orientaram e determinaram a nossa produção e aquisição de conhecimento. (Kilomba, 2019, p.33).

A autora acima citada, defende a descolonização do conhecimento criando assim, novas configurações de conhecimento e de poder, enfatizando que a teoria não é universal nem neutra, mas sempre localizada em algum lugar e sempre escrita por alguém, e que este alguém tem uma história.

Os estudos e os pensamentos decoloniais para Dering e Barbosa (2021), são uma resposta às amarras culturais propostas pelo colonizador, atuando por meio da problematização daquilo que foi imposto, que gerou a estratificação e a hierarquização racial e cultural. Trata-se de uma retomada da “cultura autóctone dentro de sua legitimidade e autenticidade epistêmica” (Reis; Andrade, 2018, p. 10), aliada a uma nova realidade, pautada pela ideia de “que nos coloquemos, enquanto pessoas, Estados, instituições, no lugar onde nenhum ser humano tem o direito de dominar e se impor a outro ser humano”. (Mignolo, 2017, p. 14).

Com um conjunto de teorias e práticas onde busca-se desconstruir as estruturas de poder e as formas de dominação impostas pelo colonialismo, a decolonialidade, propõe uma crítica radical aos legados do colonialismo e do imperialismo questionando as hierarquias sociais, culturais e políticas que foram estabelecidas durante o período colonial e que continuam a influenciar as relações globais até os dias de hoje.

O romance *Torto Arado* de Itamar Vieira Jr, se caracteriza como decolonial, por explorar as experiências e perspectivas dos povos escravizados, subvertendo narrativas dominantes, desfazendo estereótipos e

preconceitos, tendo uma diversidade de vozes e ponto de vista que são trazidos à tona. O enredo volta-se para a história e a cultura de um povo, resgatando tradições e mitologias locais e recontando a história sob uma perspectiva não eurocêntrica.

A história do romance tem como centro a família de Zeca Chapéu e Salustiana, e suas filhas descendentes de escravizados. O cenário da obra é a Fazenda Água Negra, um local que representa a síntese do sertão brasileiro e suas relações sociais, o latifúndio e o trabalho servil, marcados pela violência, a seca e também pelas crenças, lendas e religiosidades próprias da mestiçagem cultural e da ancestralidade africana.

Nas profundezas do sertão baiano, as irmãs Bibiana e Belonísia encontram uma velha e misteriosa faca na mala guardada debaixo da cama da avó, Donana. Ocorre então um acidente, elas ferem a língua ponto de uma precisar ser a voz da outra.

Aspectos com a análise da resistência histórica do povo negro contra a escravidão, o colonialismo e a opressão também são presentes nas discussões sobre decolonialidade, que busca desafiar o racismo estrutural existente nas estruturas de poder e as hierarquias sociais.

Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isso é chamado de racismo estrutural. (Kilomba, 2019, p. 77).

Em relação à inferiorização e à desvalorização do gênero feminino, fruto da sociedade patriarcal, que fora estabelecida durante o período colonial brasileiro e que ainda persiste

na sociedade contemporânea, o decolonialismo busca desconstruir essa estrutura desafiando os discursos hegemônicos e valorizando as experiências das mulheres com o objetivo de questionar as hierarquias, as injustiças sociais e as formas de dominação.

É o padrão colonial moderno o responsável pela promoção dos racismos e sexismos institucionais contra identidades produzidas durante a interação das estruturas, que seguem atravessando os expedientes do Direito moderno, discriminadas à dignidade humana e às leis antidiscriminação. (Akotirene, 2019, p.35).

A decolonialidade, como abordagem crítica e transformadora, propõe uma reflexão sobre como as normas de gênero e as relações de poder estão intrinsecamente ligadas ao colonial e como a resistência feminina é fundamental para a promoção da autonomia e dignidade feminina.

Seguindo a preocupação e o interesse pelo tema da descolonização, Grada Kilomba (2019), chama a atenção para a reivindicação das feministas negras de tornar a realidade de mulheres negras visíveis tanto na teoria quanto na história, afirmando que “o movimento e a teoria de mulheres negras têm tido, nesse sentido, um papel central no desenvolvimento de uma crítica pós-moderna, oferecendo uma nova perspectiva a debates contemporâneos sobre gênero e pós-colonialismo” (Kilomba, 2019, p.108)

2 Torto Arado: aspectos decoloniais

O livro é dividido em três partes, a primeira intitulada *Fio de Corte*, a segunda *Torto Arado* e a terceira *Rio de Sangue*, cada uma delas

narrada por personagens femininas, evidenciando a importância da mulher na trama - a partir da cultura nordestina ligada a crenças, lendas, religião, escravidão, seca, violência, misticismo, destacando-se, em meio a tudo isso, o amor pela terra.

Através das memórias das três narradoras: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, o leitor é apresentado a muitos tipos de subordinação da mulher às determinações do homem, relações de semiescravidão ainda existentes em alguns lugares, sobretudo no meio rural. Essas questões são explicitadas por mulheres, negras, rurais e descendentes de escravizados que costuram as paisagens do sertão baiano e narram como é viver em um regime de pós-escravidão e reproduzem o sentimento de raiva, hostilidade e medo que emana de suas identidades como parte de um poder violento e de um contexto opressor.

Abordando questões como identidade, pertencimento e resistência, a narrativa, explora as complexidades da identidade pós-colonial e também aborda formas de resistências e luta das mulheres contra a opressão colonial.

O gênero feminino foi, e é, historicamente subjugado, demonstrado, por muitas vezes, através da relação de dominação e de submissão com relação aos homens sendo isso fruto da formação colonialista na qual, o feminino é, em sua essência, o ser submisso, servil, oprimido e sem lugar de fala.

Itamar Vieira Jr, traz elementos que vão desde a desigualdade social, passando pela sensação de não pertencimento e de medo de mulheres subalternizadas de diversas maneiras e vítima de múltiplas formas de escravidão, mas que não se calam.

No contexto, as personagens femininas são retratadas de forma complexa e multifacetada evidenciando suas lutas, suas dores e suas conquistas em meio a um cenário de desigualdade e opressão

Através de suas histórias e de suas experiências essas mulheres expressam diferentes formas de resistência e de empoderamento, desafiando as estruturas do poder e reivindicando seu lugar na sociedade. Suas vozes e suas ações são essenciais para a construção de uma narrativa de resistência e de superação que ressalta a importância das mulheres na luta por justiça e igualdade.

3 Personagens femininas e resistência

Bibiana é uma das protagonistas, mulher forte e determinada que enfrenta as dificuldades da vida, após um acidente que a deixa gravemente ferida ela encontra na escrita uma forma de expressar suas dores e angústias, transformando sua experiência em uma narrativa de resistência e superação.

A mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica, ainda mais na obscuridade, em decorrência dos problemas referentes às questões de gênero. Segundo a autora, “a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir”. (Spivak, 2012, p. 17-18).

De fato, em inúmeras situações a mulher pode ser impedida de falar ou, simplesmente, pode não ser ouvida, pois sua identidade foi deslocada de maneira ser a sempre considerada inferior à identidade masculina.

Ao compreender que o machismo molda e determina distintas relações de poder, Hooks

(2019), expõe que a luta feminista, para pôr fim a dominação patriarcal, deveria ser de primeira importância para mulheres e homens, porque entende que é a forma de dominação que estamos mais propensos a encontrar na vida cotidiana, principalmente, no contexto da vida privada/doméstica.

Quando fica viúva, Bibiana, começa a tomar a iniciativa, assumindo o lugar do marido, tanto em relação às reivindicações dos direitos dos moradores da fazenda, como também o dela própria e das outras mulheres desenvolvendo consciência dos mecanismos de exploração e opressão, formando uma consciência crítica favorecendo a criação de resistência. O que Hooks (2009), define como autorrecuperação. Talvez faltasse para Bibiana a oportunidade já que era Severo o homem, e, por isso, mais adequado a assumir o papel de líder.

Pensei nas palavras de Severo sobre a situação de nossas famílias na fazenda. Que a vida toda estaríamos submissos, sujeitos às humilhações, como a pilhagem do nosso alimento. Que eu tinha um papel nisso tudo, e que meus pais precisavam de mim para mudar de vida. (Vieira Jr., 2021, p. 86).

Ela percebe que sua vida pode ser consagrada a um bem maior do que apenas a própria família. Bibiana reconhece que a soberania da mulher não pode ficar apenas dentro de casa ou mesmo na roça. Seu horizonte era limitado e pequeno porque não teve acesso às grandes oportunidades. Seu papel feminino agora, questiona a sociedade que não reconhece que ela é tão ativa, capaz e eficiente quanto o homem.

Percebe-se que essa posição de superioridade masculina tem sido enfraquecida ao longo dos anos, pois houve uma mudança de posição das mulheres na sociedade. Isso quer dizer que as mulheres pretendem passar de consumidoras

para produtoras de uma organização social. Buscam seu desenvolvimento pessoal e lutam por uma transformação de sua vida privada, de sua relação com o corpo e construção da própria sexualidade. (Costa, 2021, p. 3).

Bibiana passa pelo processo de tornar-se sujeito, e isso funciona como uma defesa do ego que é caracterizado pelos mecanismos de negação, frustração, ambivalência, identificação e descolonização, em que esse último mecanismo marca que “não se existe mais como a/o ‘Outra/o’, mas como eu” (Kilomba, 2019, p. 238).

Belonísia também é uma personagem marcante que busca sua própria forma de resistência, a irmã silenciada, é o retrato da força e da verdade a qual reveste a mulher que vive sob a influência da cultura patriarcal e do machismo. É subjugada pela violência do casamento, explorada por ser negra, atacada por seu gênero, sem direito à defesa, sem direito à terra e sem direito de fala.

Essa outra irmã, tem um olhar mais limitado por causa das poucas oportunidades que lhe são oferecidas. Se sente desmotivada pois acha que a escola não traz significado para sua vida lá, após a fuga de sua irmã, ela não era compreendida em razão da sua deficiência. O que a animava era sua vocação para roça, a terra, o contato com a natureza era que lhe trazia felicidade.

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. Não aprendi uma linha do

Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não posso cantar. (Vieira Jr, 2021, p. 83).

No decorrer da narrativa, Belonísia casa-se com Tobias que não era branco, no entanto, o marido tem relacionamentos extraconjugais com mulheres brancas por achar mais excitante do que com alguém da mesma cor.

Belonísia passa a ser maltratada, aquele que deveria ser seu companheiro, faz dela uma empregada e, mais que isso, passa a insultá-la e reclamar de todas as ações feitas por ela, desde a arrumação da casa, a comida, sua aparência e seu comportamento. A segunda narradora, se sente intrusa na própria casa, ou pior, uma coisa comprada e não uma mulher.

Me levantava logo quando o via se mexer na cama, antes de o sol levantar. Mas era só acordar que vinha mais queixa: ou o café estava ralo como xixi de anjo, ou estava forte, uma borra de amargo. Procurava enxada, procurava foice, coisas que eu nem havia mexido. E se ele mesmo colocasse as coisas num lugar diferente, só por não lembrar, perguntava «mulher, onde está isso?», «onde está aquilo?», e sentia aflição, parava o que estava fazendo para ajudar a procurar. Se eu encontrasse, era como se ele tivesse feito, nem dizia palavra para agradecer. A coisa ficou tão ruim que eu me antecipava, nem esperava ele pedir, já dava tudo em suas mãos: cinto, sapato, chapéu, gibão, facão, só para não o ouvir chamando «mulher» (Vieira Júnior, 2021, P-p. 101)

Para o cânone literário a concepção dada à mulher era de submissa e era reconhecida como musa ou objeto. Qualquer questionamento feito sobre esta concepção trazia à mulher o desligamento e o abandono da sociedade, pois não se aceitava nenhuma crítica que saísse dos padrões esperados, ou seja, a soberania do masculino.

Zinani (2006), pontua que, a problemática de gênero, em grande parte, situa-se na própria mulher, “condicionada por uma cultura androcêntrica, que sempre definiu e priorizou os papéis sociais a partir do homem”. A mulher deve abandonar práticas que reproduzem a cultura tradicional e superar “estigmas genéricos cristalizados” (Zinani, 2006, p. 66), reconhecendo sua capacidade e competência, e negando a ideia de sujeito subalterno.

Belonísia, desejava ser mãe, mas não conseguiu e, devido as bebedeiras e grosserias do marido ela acaba por desistir e volta-se para o cultivo da terra.

Bebia grande quantidade de cachaça, seus olhos ficavam vermelhos e pousavam no meu corpo quase sempre para acompanhar os insultos que me dirigia: lembrar que era muda, que passado tanto tempo não havia gerado filho como minha irmã, que não cozinhava bem, que perdia muito tempo arando o quintal, que não queria me ver na companhia de Maria Cabocla. (Vieira Jr, 2021, p.117)

Apesar do pouco estudo, as reflexões do seu cunhado, Severo, sobre os direitos dos trabalhadores, sobre os direitos humanos e outras atitudes de respeito, conseguem penetrar na mente de Belonísia. Isso prova que, na vida moderna o sujeito executa muitos papéis sociais em diferentes contextos aos qual a interação aparece de forma distinta e em curto prazo de tempo.

Nesta atual conjuntura o indivíduo assume certa autonomia em decidir quais os papeis que vai efetivar e o momento em que vai ocorrer. Nesse sentido, é difícil determinar uma fronteira entre as diferentes identidades que o sujeito usufrui em seu cotidiano e que podem mudar nos diferentes contextos. (Hall, 2009, p 24).

As identidades podem confrontar-se entre si, pois o que se espera de uma pode afetar o esperado da outra. Portanto, as identidades podem ser entendidas como fluidas, ou seja, não comportam sentido fixo. De mulher sem voz, sem vez, sem filhos, Belonísia assume a identidade de mulher defensora e de agricultora. Esta, quando, apesar de todas as ofensas desferidas pelo marido ela volta-se para o cultivo da terra encontrando ali momentos de alegria e paz, aquela atuando em defesa de Maria Cabocla, sua vizinha, que vivia sendo espancada pelo marido.

A personagem mais marcada pela tragédia inicial da narrativa, após a morte do marido, decide não mais casar formando a construção de si fundada naquilo que resiste à sua identidade social, isto é, sobre uma natureza que não se reduz a uma cultura ou a uma organização social. É assim que as mulheres vão se erguendo até chegar à afirmação da singularidade e à liberdade de escolher sua própria vida, definida por oposição a toda definição imposta de fora (Touraine, 2007, p. 47).

Donana, avó das personagens é parteira e raizeira. Foi cativa na Fazenda Caxingó e na qual trabalhava em benefício da comida.

[...] minha avó vivia cativa, sem nunca ter tentado deixar seus tutores, trabalhando pelo que comia". Ela trabalha, mas tem consciência que não nasceu para a escravidão. [...] (Vieira Junior, 2021, p. 167).

Antes de ir morar na Fazenda Água Negra viu sua filha, Carmelita, sendo abusada sexualmente pelo então parceiro de Donana. O homem que Donana esqueceu o nome, impronunciável, o homem que nem o filho nem mais ninguém que não habitasse o casebre da

Caxangá saberia da existência. (Vieira Júnior, 2021, p. 211).

Quando Donana encontrou a filha Carmelita, moça há poucos anos, debaixo do corpo do seu homem, de calças arriadas, na cama onde se deitava do cansaço sem fim, se envervou no chão como um jumento que não quer seguir o caminho que lhe resta. Retesou todo o corpo como se nunca mais fosse deixar aquela posição. Gritou com grande cólera, pôs os meninos em prontidão, sua fúria era seu próprio desespero. Carmelita andava arredia, chorosa pelos cantos da casa, ela percebia, mas não passava por sua cabeça nada do que havia visto. (Vieira Jr. 2021, p.212).

A violência sexual constitui problema mundial de alta prevalência, negligenciado durante muitas décadas. Os dados reais sobre violência sexual são de difícil obtenção, uma vez que, frequentemente, a vítima sente vergonha ou culpa pela agressão sofrida ou medo de denunciar o agressor

Vale ressaltar que, violência sexual não tem nada a ver com desejo sexual ou amoroso. Trata-se de uma demonstração de poder e domínio sobre o corpo do outro, sendo mulheres e meninas as principais vítimas. Esse tipo de violência é uma grave violação dos direitos humanos e um problema de saúde pública, que pode produzir impactos negativos sobre a saúde física, mental, sexual e reprodutiva de mulheres e crianças.

Perturbada e indignada com toda a situação vê a violência como resposta matando o homem e jogando o corpo no rio com os bolsos cheios de pedras para que o mesmo não boiasse. Beauvoir justifica essa forma de ação como uma máscara que atinge até o espírito: "Para mascarar a violência, não se faz nada além de recorrer a uma violência nova que atinge até mesmo o espírito" (Beauvoir, 2005, p. 91).

[...] e seu juízo foi sendo carcomido pelo rancor, o que havia visto, o que a machucava, o que destruía Carmelita. Quando chegou ao local onde ele estava viu que dormia, prosternado na beira do rio. Parecia morto antes mesmo de ser sangrado. Não havia luz, não havia candeeiro nas mãos de Donana. Não queria deixar rastros ou lembranças de seus passos e atos. Ninguém saberia de nada, diria apenas que ele havia partido sem deixar indicação do destino. Antes de pensar na justificativa que daria, sangrou o homem como se sangrasse um porco. Arrastou seu corpo com os bolsos cheios de pedras, que ela mesma colocou, para dentro do rio. (Vieira Júnior, 2021, p. 2013)

Nessa parte da narrativa descobrimos o porquê daquele facão, que no início fere as duas irmãs, ser tão bem guardado. “Minha avó tinha mais medo do que essa faca significava. Temia mais o segredo que ela guardava do que pudesse nos ferir” (VIEIRA JR, 2021, p. 235). O objeto roubado da Fazenda Caxangá tornar-se símbolo de liberdade tanto da sua saída da fazenda quanto da memória do que tinha feito para libertar-se daquele que maltratara sua filha e a própria parteira corrida pela raiva e rancor do que havia presenciado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre decolonialidade e gênero é um campo de estudo interdisciplinar que busca compreender e desconstruir as interseções entre as estruturas de poder coloniais e as normas de gênero que perpetuam a desigualdade e opressões. Nosso objetivo foi, a partir do recorte da configuração das figuras femininas, compreender de que forma as personagens femininas rompem com o estereótipo estabelecido para se transfigurarem em instrumentos de luta,

subversão revelando formas distintas de resistência.

Torto Arado auxilia na reflexão dessa temática, sobre o papel da mulher, as dificuldades que elas encontram pelo caminho, seus sonhos sendo ceifados, bem como a triste realidade da mulher negra e pobre na sociedade atual. A leitura da obra, possibilita uma provocação ao leitor, mantendo relação com a realidade social e traz luz à voz de mulheres resistentes, protetoras e provedoras que atravessaram tudo, suportando a crueldade que lhes foi imposta.

Modificando o papel das mulheres, sobretudo a configuração de Belonísia, Bibiana e Donana a narrativa apresenta uma nova realidade, apartada da visão estereotipada e colonial que reservou à mulher negra, ao longo do tempo e da história, um lugar de subalternidade, de jugo, de dependência. Nas vozes e ações das personagens percebemos a força a resiliência e determinação em suas lutas por justiça, autonomia e dignidade.

Com o advento dos estudos e pensamentos sobre a decolonialidade permitiu-se criar uma literatura sem estereótipos, a qual ressignifica os povos e as culturas representadas, trazendo suas lutas para o centro e permitindo que tais sujeitos, silenciados, possam ser escutados e reconhecidos. É necessário conectar pensamento, epistemologias, forçar o intercâmbio do ser e do saber de forma não-hierarquizada, respeitando e dando lugar às diferenças. A atuação e a resistência das personagens de *Torto Arado*, apresenta um dos caminhos possíveis para essas mudanças.

Concluimos que a decolonialidade tem se mostrado como caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante

todos esses anos, sendo também uma crítica direta à modernidade e não somente um apagamento geral dos resquícios do colonialismo. Ela reconhece a importância de abordar as interseções entre raça, gênero, classe e sexualidade na promoção da diversidade e da inclusão.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

ALMEIDA, Eliene Amorim de; SILVA, Janssen Felipe da. **Abya Yala como território epistêmico: pensamento decolonial como perspectiva teórica**. *Revista Interterritórios*, v. 1, n. 1, p. 42-64, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/interterritorios/article/view/5009/4293> . Acesso em: maio 2024.

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

COSTA Margareth Torres de Alencar; RESENDE Joelma de Araújo Silva; OLIVEIRA Maria Helena de. **A resistência da mulher negra em torto arado, de Itamar Vieira Jr.** *Revista de Literatura, História e Memória* ISSN 1983-1498 Unioeste /Cascavel - p. 24-36 V. 17 – N. 30 - 2021

DERING, Renato de Oliveira; BARBOSA, João Victor Caetano. **Diálogo entre (de)colonialidade, Paulo Freire e Direito no Projeto de Lei 5.985/2016**.

Revista Anthesis, v. 9, n. 18, p. 107-120, 2021.

Disponível em:

<https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/5157> . Acesso em: 25 jun. 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismos cotidianos**. Tradução: Jess Oliveira. Cobogo, 2019

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: maio 2024

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. **O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas**. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 17, n. 202, p.1-11, 2018. Disponível <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070/21945> . Acesso em: 10 JUN. 2024.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Petrópolis: Vozes, 2007

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. 10. ed. São Paulo: Todavia, 2021.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. Caxias do Sul, RS: EdUCS, 2006.